

## RECENSÃO DE *AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE* DE JOSÉ SARAMAGO<sup>1</sup>

Dalila Silva Lopes  
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto  
Instituto Politécnico do Porto  
Portugal  
cc-iscap@iscap.ipp.pt  
dalop@iscap.ipp.pt

*No dia seguinte ninguém morreu.* Assim começa (e termina) o último romance de José Saramago.

Na esteira de romances anteriores como *A Jangada de Pedra*, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*, a trama de *As Intermittências da Morte* parte de um acontecimento anómalo, ilógico e inexplicável; neste caso, o comportamento da morte, que, de repente, deixa de matar num determinado país, durante um determinado período de tempo, voltando depois a matar, mas com aviso prévio, através de carta de cor violeta, enviada individualmente, com oito dias de antecedência, a cada pessoa que irá morrer. E, tal como nos citados romances anteriores de Saramago, a partir desse acontecimento anómalo, ilógico e inexplicável, a trama prossegue numa lógica irrepreensível, com o narrador a explorar as consequências desse acontecimento, o que acaba por ser pretexto, neste romance, para incisivas farpas espetadas no sistema político, no sistema social e corporativo, e na religião, sobretudo na igreja católica apostólica e romana, que o narrador, parodiando a actual propensão para o uso de siglas, designa como ‘icar’ (p.138).

No entanto, e divergindo um pouco dos citados romances anteriores, sobretudo dos *Ensaio*s, em *As Intermittências da Morte* o narrador parece não querer ter um pulso tão firme no controle dos acontecimentos que se sucedem ao insolito inicial. Aliás, ele próprio o diz: *Reconhecemos humildemente que têm faltado explicações, estas e decerto muitas mais, confessamos que não estamos em condições de as dar a contento de quem no-las quer, salvo se, abusando da credulidade do leitor e saltando por cima do respeito que se deve à lógica dos sucessos, juntássemos novas irrealidades à congénita irrealidade da fábula [...]* (p. 141-142). Esta propositada e confessada falta de explicações pode ter a ver com a epígrafe - *Saberemos cada vez menos o que é um ser humano* -, pois o desconhecimento crescente do que é um ser humano implica necessariamente a impossibilidade da previsão e explicação dos seus comportamentos, e assim, por *demonstratio ad absurdum*, estamos de novo dentro da lógica irrepreensível patente nos referidos romances. O narrador parece aliás evidenciar uma certa preocupação com a reacção do leitor a esta aparente falta de explicações para certos acontecimentos: *É natural que a curiosidade de quem vem seguindo este relato com escrupulosa e miudinha atenção, à cata de contradições, deslizes, omissões, e faltas de lógica, exija que lhe expliquem [...]. E Já que está em maré de perguntar, também há-de querer que lhe digam [...]. Ora, antes que a mal-intencionada suposição comece a ganhar raízes, apressamo-nos a escarecer que [...]* (p.192). Mas as explicações que a seguir são dadas referem-se a pormenores de somenos importância, são destinadas ao tal leitor miudinho e à *cata de contradições*, pelo que não invalidam (muito pelo contrário) o exposto no tópico deste parágrafo.

---

<sup>1</sup> José Saramago, *As Intermittências da Morte*, (2005), Lisboa: Caminho.

Também do ponto de vista linguístico há em *As Intermitências da Morte* algumas novidades. Neste romance, Saramago não vai tão longe nos desvios aos cânones da pontuação a que nos tinha habituado. Continua, no entanto, a fazer prodígios com a sintaxe como só ele sabe (veja-se, por exemplo, p.161), mas a sintaxe de frase e de texto é aqui um pouco mais leve do que na generalidade dos seus outros romances. De registar são também os encaixes perfeitos dos discursos directos, mesmo fazendo um uso desviante da pontuação (veja-se, por exemplo, pp.20-23). Mas, acima de tudo, salta à vista a irreverência em relação aos ditâmes sobre a grafia dos nomes próprios (quaisquer que eles sejam), que aqui são sistematicamente escritos com minúscula: por exemplo, ‘caim’ e ‘abel’ (p.144), ‘marcel proust’ (p.151), ‘robert schumann’ (p.155), ‘beethoven’ (p. 159), ‘aquiles’ e ‘agamémnon’ (p.161), ‘frança’ (p.189) ou, como referido acima, ‘igreja católica apostólica e romana’ (p-138).

A irreverência e o agudíssimo espírito crítico de Saramago, a par da sua inquestionável sabedoria, levam-no neste, como em outros dos seus romances, a fazer de vez em quando breves incursões em diversas áreas do saber, deliciosas peças de reflexão, que vêm a propósito do enredo, nele são perfeitamente encaixadas, mas ao mesmo tempo dele são destacáveis, o que acaba por conferir ao texto uma plurilinearidade raríssima em outros autores. Destacamos, para exemplo, uma dessas incursões, de carácter linguístico: [...] *não é verdade que o antónimo da presunção seja a humildade, mesmo que o estejam jurando a pés juntos todos os dicionários do mundo, coitados dos dicionários, que têm de governar-se eles e governar-nos a nós com as palavras que existem, quando são tantas as que ainda faltam [...]* (p.178).

Por tudo o que foi dito, ou apesar de tudo o que foi dito, talvez o que de mais importante perpassasse neste romance seja uma beleza diáfana, sobretudo no tratamento da figura da morte, figura com quem o narrador parece ter uma relação de amor-ódio, ou melhor dizendo um irreprimível fascínio, patente sobretudo na parte final do romance. Embora, como foi dito, a estrutura romanesca siga aqui, em esquema, o padrão de alguns romances anteriores, este é talvez de entre todos os aqui citados aquele em que Saramago mais se deixou guiar pela força das personagens por ele criadas, sobretudo a da morte e é também, do meu ponto de vista, aquele em que Saramago mais prende o leitor, levando-o, por assim dizer, pela mão.

Sem querer, a leitura deste romance traz-me à mente com insistência dois versos de José Mário Branco de “Margem de certa Maneira”: *Para ter um companheiro nesta viagem / vou meter um pauzinho na engrenagem*. O ‘pauzinho’ é o acontecimento insólito, a ‘engrenagem’ é o sistema, o ‘companheiro’ é o leitor e a ‘viagem’ é a leitura. O melhor é mesmo ler.